

Continuação da primeira página

Economia-Brasil

Juros altos na mira dos críticos

■ Queda no ritmo do crescimento é a preocupação

CLAUDIA SAFATLE E MARIA LUIZA ABBOTT

Se a taxa de juros, colocada nas alturas em 1995, reduziu o crescimento, levou empresas à falência, piorou a situação dos bancos e produziu desemprego, por que o governo não acelera sua queda e reverte esse quadro? Porque o déficit do setor público não está resolvido, costuma responder Franco. "Só na cabeça dele. Os juros caíram à metade do que estavam no ano passado e onde foi que explodiu consumo ou corrida para reposição de estoques?", questiona o economista Luís Paulo Rozenberg, outro dos formadores de opinião presentes ao jantar do Alvorada.

O ex-presidente do Banco Central Affonso Celso Pastore também rebate: a taxa de juros é alta para manter a demanda interna fria como forma de sustentar o câmbio. Ou seja, embora o senso comum não perceba o emaranhado da política econômica e seus efeitos na vida do cidadão, o que Pastore diz é que o governo optou por manter a economia em marcha lenta. Com isso ele quis evitar que o aumento do consumo por bens importados explodisse as contas externas.

A combinação de juros elevados com câmbio valorizado é, portanto, responsável pela recessão e o desemprego, diz Pastore. E é isso, em última análise, que alimenta o pessimismo. O economista está convencido de que essa opção foi uma overdose e está impondo ao país um custo maior do que o necessário.

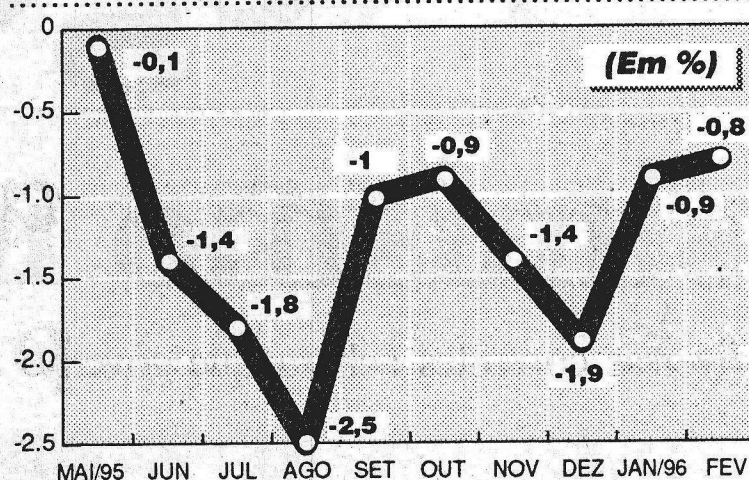
O ex-ministro da Fazenda e atual deputado Delfim Netto (PPB-SP) concorda em gênero, número e grau com Pastore: "O Plano Real corre sérios riscos, vive dramáticas armadilhas", diz ele, que tem sido o mais ácido crítico da montagem da política cambial. Nessa área, ele consegue ter a mesma opinião que a economista e deputada Maria da Conceição Tavares (PT-RJ).

Em bom economês, Delfim explica: "O déficit em conta corrente do balanço de pagamentos está financiando o déficit do setor público. Essa é a coisa mais perigosa. Esse é o ponto." Ou seja, o país está usando poupança vinda do exterior para cobrir despesas do setor público. Não seria ruim se fosse para financiar investimentos, mas para cobrir gastos correntes é "um desastre", avalia.

Há outra armadilha, alerta Delfim: a tal âncora verde, a agricultura, pode se transformar em vilã dos preços internos. "Acho que em setembro o governo vai ter que decidir sobre a questão do câmbio", prevê. Isso porque pode haver queda da área plantada (em setembro começam as primeiras intenções de plantio) de 7% a 10%, já sobre uma queda de 11% este ano. "Se isso ocorrer, a brincadeira cambial acaba", acredita.

A expectativa é de que neste ano o país importe uns US\$ 3 bilhões em grãos. Cifra que será compensa-

Dez meses de queda*



* atividade industrial em relação ao mês anterior.

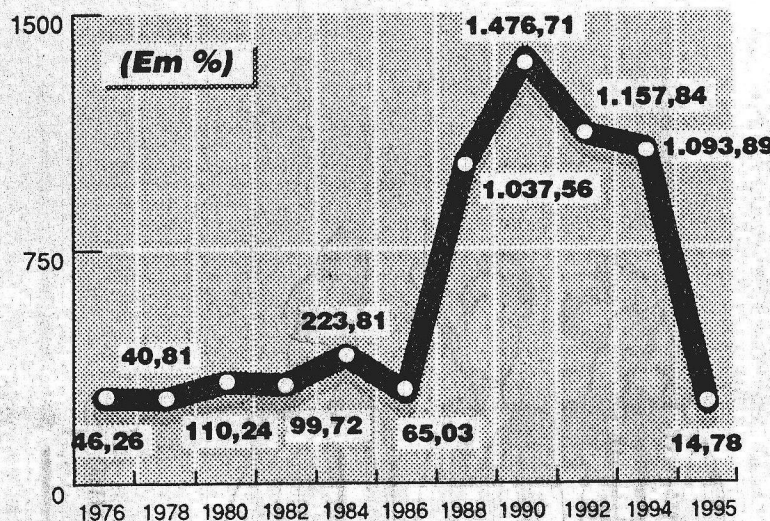
Fonte: IBGE

Déficit público*

(Em % do PIB)	
1981	5,9
1982	6,6
1983	2,7
1984	3,2
1985	4,7
1986	3,4
1987	5,7
1988	4,8
1989	6,9
1990	-1,2
1991	-1,4
1992	2,1
1993	-0,3
1994	-1,34
1995	4,95

* Conceito operacional, que inclui as despesas com juros e desconta a variação da inflação.

Inflação



O ritmo da Balança Comercial

Período	(US\$ bilhões)	
	Dívida total	Balança comercial
1990	162,150	10,752
1991	144,296	10,579
1992	150,594	15,238
1993	149,390	13,307
1994	181,473	10,466
1995	217,297	-3,157
1996 Jan	222,405	0,035
Fev	223,890	-0,007
Mar		-0,109

Fonte: Banco Central do Brasil

da por ganho de preços internacionais de bens exportáveis. Mas e no ano que vem? "Se a exportação não cresce, o produto não cresce e não se gera equilíbrio fiscal", adianta o deputado. Para ele, o crescimento este ano vai andar na casa dos 2% a 2,5%, percentual que agrava o desemprego e traz uma série de outras mazelas, inclusive, para as finanças do setor público. Quanto menor a produção, menor o recolhimento de tributos.

"O plano esteve sob risco quando a crise cambial do México surgiu, combinada com o boom de consumo interno. O governo subiu os juros e não tinha informações para graduar o tamanho da taxa, e subiu demais. Ora, é melhor errar pelo excesso do que pela falta. Se tivesse pecado por escassez, o plano teria ido para o brejo. A maioria

dos que criticam hoje teria feito igual, se estivesse no governo", argumenta o ex-ministro da Fazenda Mailson da Nóbrega.

Foi exatamente a overdose de juros que, segundo ele, provocou "o aumento da inadimplência, a fragilização do sistema financeiro, quebras de empresas e perda de emprego". Mas compensou porque o Real foi salvo.

Por que o governo não acelera a queda da taxa de juros? Mailson acha que está mais do que na hora para isso. "Mas o governo é conservador. Tem medo", observa o ex-ministro. Rozenberg chama de "estupidez" essa cautela. "Você pode acabar mais rapidamente com o câncer se aplicar uma dose de quimioterapia três vezes superior à recomendada, mas leva o paciente junto", dispara.